WINSTON CHURCHILL

SAVROLA

Introdução, tradução do original inglês e notas de
Nuno Sanches de Baena Ennes

E-PRIMATUR

Índice

Nota do Tradutor 9

Abreviatura e Siglas. 11

CHURCHILL, *SAVROLA* E O FUTURO DA LIBERDADE . . 13
1. Churchill e o caminho até *Savrola* 15
Soldado da Rainha 20
2. *Savrola*: génese; enredo; ficção e realidade. 29
3. *Savrola* e o futuro da liberdade 45
Bibliografia 77

SAVROLA 85
Capítulo I – Um acontecimento de importância política . . 87
Capítulo II – O Chefe do Estado 95
Capítulo III – O homem da multidão 103
Capítulo IV – A deputação 113
Capítulo V – Uma conversa privada 121
Capítulo VI – Com fundamentos constitucionais. 129
Capítulo VII – O baile de Estado 137
Capítulo VIII – À luz das estrelas 149
Capítulo IX – O Almirante 159
Capítulo X – A varinha do mago 167
Capítulo XI – Sob o manto da noite 177

Capítulo XII – Um conselho de guerra 185
Capítulo XIII – A acção do executivo 191
Capítulo XIV – A lealdade do Exército 203
Capítulo XV – Surpresas 211
Capítulo XVI – O progresso da revolta 221
Capítulo XVII – A defesa do palácio 229
Capítulo XVIII – De uma janela 241
Capítulo XIX – Uma experiência educativa 251
Capítulo XX – O fim da contenda 259
Capítulo XXI – O regresso da esquadra 267
Capítulo XXII – As compensações da vida 277

Capítulo I

Um acontecimento de importância política

Chovera a potes, mas o sol já brilhava por entre as nuvens, projectando sobre as ruas, as casas, e os jardins da cidade da Laurânia sombras que rapidamente se transfiguravam. Tudo brilhava humidamente à luz do sol: a poeira tinha assentado; o ar estava fresco; as árvores pareciam verdes e agradecidas. Era a primeira chuva depois dos calores do Verão, e marcou o início daquele encantador clima de Outono que fez da capital lauraniana pátria dos artistas, dos inválidos e dos sibaritas.

A bátega fora forte, mas não dispersara as multidões que estavam reunidas na grande praça em frente ao Parlamento. Era bem-vinda, mas não alterara os seus olhares ansiosos e zangados; encharcara-as sem esfriar a sua excitação. Evidentemente, estava a acontecer algo importante. O belo edifício, onde os representantes do povo estavam acostumados a reunir, tinha um aspecto de importância sombria, que não era dissipada pelos troféus e as estátuas com que um povo antigo e amante de arte decorara a sua fachada. Um esquadrão de Lanceiros da Guarda Republicana estava formado ao fundo da grande escadaria, e um considerável número de tropa de infantaria mantinha desimpedido um amplo espaço em frente à entrada. Atrás dos soldados, o povo preenchia o resto da imagem. Haviam invadido a praça e as ruas que levavam a esta;

treparam aos numerosos monumentos, que o gosto e o brio da República tinham erigido em memória dos seus antigos heróis, cobrindo-os tão completamente que pareciam montículos de seres humanos; até as árvores tinham os seus ocupantes, enquanto as janelas e muitos dos telhados das casas e escritórios com vista para o local estavam apinhados de espectadores. Era uma grande massa humana e vibrava com excitação. Paixões indomáveis encapelavam-se através do tropel, como a borrasca varre um mar tempestuoso. Aqui e ali, um homem, elevando-se acima dos seus companheiros, arengava àqueles a quem a sua voz podia alcançar, e uma aclamação ou um brado eram repetidos por milhares que não tinham ouvido as palavras, mas procuravam algo com que pudessem dar expressão aos seus sentimentos.

Era um grande dia na história da Laurânia. Durante cinco longos anos desde a Guerra Civil, o povo aguentara a violência de um regime autocrático. O facto de o Governo ser forte e a memória das desordens do passado exerceram uma poderosa influência nas mentes dos cidadãos mais ponderados. Mas desde o princípio houvera murmurejo. Muitos tinham pegado em armas do lado perdedor na longa luta que acabara na vitória do Presidente António Molara. Alguns sofreram ofensas ou confiscações; outros tinham sido sujeitos a prisão; muitos perderam amigos e familiares, que com o seu último fôlego exortaram à continuação intransigente da guerra. O Governo começara com inimigos implacáveis, e a sua governação tinha sido dura e tirânica. A antiga Constituição, à qual os cidadãos estavam tão fortemente apegados e da qual tanto se orgulhavam, fora subvertida. O Presidente, alegando o estado de sedição, declinara convidar o povo a enviar os seus representantes àquela Câmara que durante muitos séculos havia sido considerada o baluarte mais seguro das liberdades populares. Assim, os descontentes aumentavam dia após dia e ano após ano: o Partido Nacional, que inicialmente consistira apenas em alguns sobreviventes do lado derrotado, transformara-se na facção mais numerosa e poderosa do Estado; e, finalmente, encontrara um líder. A agitação propagava-se por todos os lados. A grande e turbulenta população da capital estava completamente devotada à

causa em ascensão. As manifestações e tumultos sucediam-se; até o Exército mostrava sinais de desassossego. Por fim, o Presidente decidira fazer concessões. Foi anunciado que, no dia primeiro de Setembro, os mandados eleitorais seriam emitidos e que seria dada ao povo a oportunidade de expressar os seus anseios e opiniões.

Esta garantia contentara os cidadãos mais pacíficos. Os extremistas, em minoria, alteraram o seu tom. O Governo, aproveitando o momento favorável, detivera vários dos líderes mais violentos. Outros, que lutaram na guerra e regressaram do exílio para participar na revolta, fugiram do país para salvarem as suas vidas. Uma rigorosa busca de armas resultara em importantes apreensões. As nações europeias, que observavam com olhos interessados e ansiosos o barómetro político, estavam convencidas de que a causa do Governo estava em ascensão. Mas, entretanto, o povo aguardava, silencioso e expectante, pelo cumprimento da promessa.

Por fim, o dia chegara. Os preparativos necessários para chamar às urnas os setenta mil eleitores do sexo masculino foram realizados pelas autoridades públicas. O Presidente, como prescrevia o costume, estava lá para assinar pessoalmente o necessário mandado de convocação dos fiéis cidadãos. Os avisos para as eleições seriam expedidos para as várias circunscrições eleitorais na cidade e nas províncias, e aqueles que, pela lei antiga, tinham direito de voto dariam o seu veredicto sobre a conduta daquele a quem os Populistas, tomados por ódio visceral, chamaram Ditador.

Era este o momento pelo qual a multidão esperava. Embora surgissem aplausos de vez em quando, a maior parte do tempo esperavam em silêncio. Mesmo quando o Presidente passara a caminho do Senado, haviam-se abstido de apupar; na prática, aos olhos deles ele estava praticamente a abdicar, e isso remediava tudo. As práticas consagradas pelo tempo, os direitos havia tanto tempo prezados seriam restaurados e, mais uma vez, o governo democrático triunfaria na Laurânia.

De repente, no topo da escadaria, bem à vista do povo, apareceu um jovem, com o traje desordenado e o rosto enrubescido

de excitação. Era Moret, um dos do Conselho Municipal. Foi imediatamente reconhecido pela populaça, e levantou-se uma grande aclamação. Muitos que não podiam vê-lo juntaram-se ao clamor, que ressoou pela praça, expressão da satisfação de uma nação. Ele gesticulou com veemência, mas as suas palavras, se é que disse algumas, perderam-se no tumulto. Outro homem, um porteiro, seguiu-o apressadamente, colocou-lhe a mão no ombro, pareceu falar com gravidade e conduziu-o de volta para a sombra da entrada. A multidão continuava a aplaudir.

Uma terceira figura saiu pela porta, um velho homem que envergava o traje próprio das funções municipais. Este desceu, ou melhor cambaleou debilmente, os degraus em direcção a uma carruagem, que chegara e o esperava. Mais uma vez houve aclamações.

— Godoy! Godoy! Bravo, Godoy! Campeão do Povo! Hurra, hurra!

Era o Presidente da Câmara Municipal, um dos mais influentes e respeitáveis membros do Partido da Reforma. Ele subiu para a sua carruagem e atravessou o espaço aberto, protegido pela tropa, até à multidão, que, ainda aplaudindo, abriu caminho respeitosamente.

A carruagem era aberta e, evidentemente, o velho homem estava dolorosamente comovido. O seu rosto estava pálido, a boca franzida numa expressão de pesar e cólera, todo ele abalado por emoção reprimida. A multidão saudara-o com aplausos, mas, ao vê-lo, rapidamente ficou impressionada com a sua aparência alterada e olhar funéreo. Apinharam-se em torno da carruagem gritando: — O que aconteceu? Está tudo bem? Fale, Godoy, fale! — Mas ele nada respondeu, e estremecendo de agitação ordenou ao cocheiro que acelerasse. O povo abriu caminho lentamente, taciturnamente, pensativamente, como homens que tomam resoluções momentosas. Algo acontecera, desagradável, imprevisto, indesejado; o quê, estavam eles ansiosos por saber.

E então começaram os rumores desenfreados. O Presidente recusara assinar os mandados; suicidara-se; as tropas receberam ordens para disparar; afinal, as eleições não se realizariam; Savrola fora preso – capturado no próprio Senado, disse alguém, assassinado,

acrescentou outro. O ruído daquela massa de gente transformou-se num abafado zumbido dissonante de cólera crescente.

Finalmente chegou a resposta. Havia uma casa, com vista para a praça, que estava separada da Câmara dos Representantes apenas por uma rua estreita, e esta rua tinha sido mantida desimpedida para a deslocação das tropas. À varanda desta casa, o jovem Moret, o Conselheiro Municipal, tinha agora reaparecido, e a sua chegada foi o sinal para uma tempestade de gritos desenfreados e ansiosos da vasta concorrência. Ele ergueu a sua mão para indicar silêncio e, passados alguns momentos, as suas palavras tornaram-se audíveis para os mais próximos.

— Foram traídos – uma fraude cruel – as esperanças que acarinhávamos caíram por terra – tudo o que fizemos foi em vão – Enganados! enganados! enganados! — Os fragmentos quebrados da sua oratória chegaram longe por entre aquela massa humana excitada, e então ele gritou uma frase, que foi ouvida por milhares e repetida por outros milhares.

— Os cadernos eleitorais foram truncados e os nomes de mais de metade dos eleitores apagados. Às vossas tendas, ó povo da Laurânia!

Por um instante houve silêncio, e então um grande alarido de fúria, de decepção e de determinação elevou-se daquela massa de gente.

Neste momento, a carruagem presidencial, com os seus quatro cavalos, os seus postilhões com as librés republicanas, e uma escolta de Lanceiros, avançou para o fundo da escadaria, enquanto do interior do Parlamento surgia uma figura notável. Usava o esplêndido uniforme azul e branco do generalato do Exército lauraniano; o seu peito resplandecia com medalhas e condecorações; a sua fisionomia penetrante e forte reflectia serenidade. Fez uma pausa por um momento antes de descer para a sua carruagem, como se quisesse dar à turba uma oportunidade de assobiar e apupar a contento, e pareceu falar despreocupadamente com o seu acompanhante, o Señor Louvet, o Ministro do Interior. Apontou uma ou duas vezes para a aglomeração que aumentava, e então desceu lentamente a escadaria. Louvet tencionara acompanhá-lo,

mas ouviu o rugido da multidão e lembrou-se de que tinha alguns assuntos para tratar no Senado que não podiam ser adiados; o outro continuou sozinho. Os soldados apresentaram armas. Um grito de fúria emergiu do povo. Um oficial montado impassivelmente no seu cavalo, uma máquina inexorável, voltou-se para um subordinado com uma ordem. Várias companhias de infantaria começaram a desfilar vindas da rua lateral à direita da Câmara, e a alinhar-se no espaço aberto que estava agora parcialmente invadido pela turba.

O Presidente subiu para a sua carruagem, que, precedida por uma unidade inteira de Lanceiros, imediatamente partiu a trote. Assim que a carruagem chegou à extremidade do espaço aberto, a multidão precipitou-se para ela. A escolta cerrou fileiras.

— Para trás — gritou um oficial, mas foi ignorado.

— Vão recuar, ou temos nós de vos fazer recuar? — disse uma voz mais áspera.

No entanto, a turba não cedeu um milímetro. O perigo estava iminente.

— Intrujão! Traidor! Mentiroso! Tirano! — gritaram, com muitas outras expressões demasiado grosseiras para serem registadas.

— Devolve-nos os direitos que nos roubaste!

E então, do fundo da multidão, alguém disparou um revólver para o ar. O efeito foi electrizante. Os Lanceiros baixaram as suas lanças e avançaram. Gritos de terror e fúria surgiram de todos os lados. A populaça fugiu diante da cavalaria; alguns caíram e foram calcados até a morte; alguns foram derrubados e feridos pelos cavalos; uns quantos foram alanceados pelos soldados. Foi uma cena horrível. Os que estavam atrás atiraram pedras e alguns dispararam tiros de pistola aleatoriamente. O Presidente permaneceu impassível. Erecto e inabalável, olhou para o tumulto como se olhasse para uma corrida na qual não apostara. O seu boné foi deitado ao chão e um fio de sangue na sua bochecha mostrava onde uma pedra o atingira. Por momentos, o desfecho pareceu incerto. A multidão podia arremeter contra a carruagem e, então, ser despedaçado pela arraia! Havia outros modos e mais agradáveis de morrer. Mas a disciplina das tropas superou todos os

obstáculos, o porte do homem pareceu intimidar os seus inimigos, e a multidão recuou, ainda apupando e gritando.

Entretanto, o oficial que comandava a infantaria junto ao Parlamento fora alarmado pela movimentação da turba, que pôde ver que se dirigia para a carruagem do Presidente. Decidiu criar uma manobra de diversão.

— Vamos ter de disparar contra eles — disse ao Major ao seu lado.

— Excelente — respondeu aquele oficial. — Vai permitir-nos concluir aquelas experiências de penetração, que temos estado a fazer com as balas de ponta macia. Uma experiência de grande valor, meu Coronel — e então voltando-se para os soldados, pronunciou várias ordens. — Uma experiência de grande valor — repetiu.

— Um tanto dispendiosa — disse o Coronel secamente —, e meia companhia será suficiente, meu Major.

Ouviu-se o chocalhar das culatras enquanto as espingardas eram carregadas. As pessoas imediatamente à frente das tropas lutaram loucamente para escapar à descarga iminente. Um homem, um homem com um chapéu de palha, manteve a calma. Adiantou-se uns passos.

— Pelo amor de Deus, não disparem! — exclamou. — Tenham dó! Nós vamos dispersar.

Houve um momento de pausa, uma ordem rigorosa e uma explosão retumbante, seguida de gritos. O homem do chapéu de palha curvou-se para trás e caiu no chão; outros também caíram e ficaram imóveis em posturas curiosamente distorcidas. Todos os outros, excepto os soldados, fugiram; felizmente a praça tinha muitas saídas, e em poucos minutos estava quase deserta. A carruagem do Presidente avançou através da multidão em fuga até aos portões do Palácio, que eram guardados por mais soldados, e cruzou-os em segurança.

Tudo estava agora acabado. O ânimo da turba tinha sido quebrantado e a ampla extensão da Praça da Constituição passado pouco tempo ficou quase vazia. Quarenta corpos e alguns cartuchos usados jaziam no chão. Ambos tinham desempenhado o seu